

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

O «Direito» do Funchal em estado de sitio, pelo Padre Sonna Freitas.—Secção ULTRIOSA: *Vinte e cinco por cento! Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem réplica, por um que leu a Biblia.*—Carta á redacção, por Sousa Monteiro.—Secção LITTERARIA: *Atravez dos fornaes*, por um Viararancense.—ELOGIOS DE PROPAGANDA CATHOLICA: *A Maçonaria e os jezuitas*, por C. do S.—*Historia Popular dos Papas*, da «Palavra».—RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. do Freitas.

GUIMARÃES, 15 D'ABRIL DE 1879

O «Direito» do Funchal em estado de sitio

Concluimos felizmente alguns opusculos, cuja redacção nos levára semanas.

Podemos agora consagrar-nos mais de espaço ao «Progresso Catholico», que d'ora em diante nos merecerá toda a attenção. O leitor exige dos nossos artigos de fundo a apreciação das grandes questões actuaes, ou, como hoje se diz, palpitantes de interesse; a resenha do movimento catholico geral, a analyse critica e verberadora dos sophismas, das bravatas, e das audacias ineptas do jornalismo impio, que por vezes faz travessieiro do nosso silencio; as verdades da hora presente traduzidas sem rodeios, e caracterisadas sem pusitanimidade. E' direito do leitor; é dever nosso. Um jornal catholico contemporaneo, ou desce de lança em riste a este terreno, ou não comprehende o seu mandato.

Pois bem: já agora assentámos praça, e a causa da Igreja poz-nos nas mãos uma arma que não foi para ensarilhar. As portas de Jano estão abertas; vivemos em plena peleja, combatamos ao lado dos nossos irmãos de campanha a bella, a grande, a eterna causa da verdade.

Destorroando para ler as ultimas noticias, uma enorme pilha de gazetas que formava columna sobre a nossa banca, dêmos a esmo com o n.º 969 do «Direito» do Funchal, que nos remetteu um dia d'estes nem sabemos quem. Não quize-mos contrariar a maxima evangelica de que os ultimos são muitas vezes os pri-

meiros, e encetimos por elle a nossa leitura.

Já contavamos com putrefacção, e por isso mal acabámos de o ler, aspergimos o quarto com agua de Larbarraque e lavamos as mãos, dando-nos pressa de reembulhar e sumir n'um canto o tal «Direito» virado.

Conhecemos os *clowns* da imprensa impia do Funchal, de sóbra sabemos que envolvidos no trapo sordido das suas gazetas, e empertigados na cousissima nenhuma da sua importancia social, esgauciam se do alto do postigo da imprensa a vociferar insultos e calumnias contra tudo quanto não arrasta com elles o chinello farrapento da gentilha desbocada. Não é possivel pintal-os sem ter de molhar o pincel na lama. Não discutem, não provam, não se inspiram na verdade imparcial, não sabem guardar sangue frio, não avezam uma critica séria, avezam só *asserções* e mais *asserções* e atraz d'ellas a pedrada.

Em Portugal não se fórma ideia d'este grau de aberração do jornalismo. A «Lucta» do Porto pôde espantar a decencia, mas a imprensa libertina do Funchal espanta a propria indecencia. Tem instiuctos de verme, que só vive de corrupção, e manhas de logista usurario que passa a vida entre o mostrador e a uentira.

Inutil seria querer trazer os seus redactores á arena de uma polemica sisuda, leal; não nos deixam a escolha da arma; quem quizer esgrimir com elles ha-de sugar-se á arma prohibida. Não posso, não quero. Cedo-lhes o estylo de arrieiros com capital e juros.

Todavia... tentemos pela primeira e ultima vez se, por excepção ao menos, são capazes de responder sem morde, e de comparecer ao nosso emprazamento na imprensa, que não no barração do peixe.

Temos á vista um artigo do referido n.º 969 do «Direito», intitulado—*Procissão ou idolatria*.

E' um acervo de afirmações incongruentes, gratuitas, colhidas no estafado vocabulario de certos periodiqueiros anti-catholicos, e atiradas a todo o risco por uma columna abaixo, com a infantil e nescia ingenuidade d'uma creança,

que repete, sem a entender, uma can-tiga lasciva que ouviu.

Citemos algumas passagens:

«... verifica-se no dia 25 do corrente uma procissão... acompanhada das pobres creancinhas do collegio do Hospicio da princeza D. Maria Amelia, onde um *novo Bergeret* (sempre desejava que me dissesse o verdadeiro nome do tal Bergeret, e os seus crimes. Engano-me: o seu nome é esse mesmo, uma nome de comedia, niacaqueado por um pobre aspirante a *novo Ennes*), e *dignas successoras* da celebre irmã Thereza (do execranda memoria. Como esta qualificação é bem applicada ás irmãs do Hospicio de D. Maria Amelia, tão apostadas a fazer o *mal*, como certos redactores de jornaes a quem já esfregaram o periodico nas faces!) rindo-se da sociedade em nome da caridade, vão *anniquilando* a familia, *arrancando* as filhas ás mães, no intuito de matar a liberdade... «E olhem que tem pilhas de razão o articulista. Consta-me que as unicas familias que na Madeira escaparam por ora ao diluvio da anniquillação são as que tem salvo o sublime e nunca assaz bendito apostolado do «Direito»... O mais está tudo morto.

Ainda s. s.* é bom de sobra, sr. chroniqueiro da *Procissão*; porque não assenta pauladas mais téas ás nefandas irmãs? Porque não aponta os nomes das «pobres creancinhas» por ellas *arrancadas* a suas mães? Isso é que era!... Mas não! S. s.* tem muito mais humanidade do que eu. Se não o faz, logo nos insinua o motivo evangelico que lhe pôz cinco freios na penna. «Somos *tolerantes*, diz elle, e *catholicos*; respeitamos...»

Ninguém ouse pôr em duvida a sinceridade d'esta declaração, todo o artigo que analysamos não é mais que um commentario d'ella.

Prosegue o articulista: «...as irmãs da caridade... dirigem uma escola largamente frequentada por creanças... á frente da qual está um lazarista audacioso.» O respeito que professo pela tolerancia e catholicismo de v. s.* só me permite consagrar-lhe duas syllabas de resposta: mente!

Leitor amigo, saboreia esta phrase digna das honras do marmore, ou melhor, do bronze: «Lourdes não tem culto reconhecido pelo governo de Portu-

gal». Logo não pôde receber fóros de culto legitimo. Porque? Porque ao Estado—Papa, ou ao Governo—Igreja é que pertence chancelar com o carimbo official o culto que se deve ter por canonico ou legitimo. Tal é a esphera, a missão, o mister do governo, assim como o da chamada Igreja é simplesmente legislar sobre as causas criminaes, e a administração civil, sentenciar réus, estabelecer impostos, regular as transacções commerciaes, etc. Que pena não haver ainda em Portugal o premio Montyon! Era tão justo que se concedesse a este athleta do direito...

Ainda uma citação, a ultima. «...O nobre prelado... ostenta o culto a isso que o fanatismo chama a Senhora de Lourdes» «... os homens livres não caem na efficacia das milagrosas aguas das boticas das duas manas Salette e Lourdes.» (Mas então esses homens livres não deveriam crer nem na existencia de Deus, porque toda e qualquer creença é uma repressão da liberdade.) «... Os fanaticos... fazem aqui procições que não são um culto mas uma idolatria».

Devêras? Então está certo, certissimo de que o culto prestado à Immaculada de Lourdes é fanatismo, idolatria? Ora não me dirá porque? Porque elle tem por principio (responde com certeza o theologo do «Direito») uma série de aparições que são ontras tantas burlas e uma série de milagres que ainda estão... por fazer. Porém não haverá *durida nenhuma* no espirito de v. s.ª a tal respeito? Se a ha (e é simplesmente christão), suprema insensatez e temeridade é da sua parte negar a pés juntos e apodar com o estylo picaresco da facécia o que talvez não seja fanatismo nem idolatria, nem questão de boticarios; seria arriscar-se a ser um menos-presador formal da munificencia divina para com os homens, quando apenas pretende estadear-se perante a opinião publica como um espirito philosophico, como um cerebro varrido, com a vasoura da liberdade, de todas as lés de aranha do fanatismo...

Portanto, não quero, por honra do articulista, admitir semelhante hypothese. Segue-se que, se elle acoima de idolatrico o culto prestado a Nossa Senhora de Lourdes é porque está certo de que não tem fundamento algum, quer dizer, porque se appoia em méras fabulações de crendeiros, que, coitadinhos! tomam a nuvem por Juno, na sua simpleza.

Pois bem; EU EMPRAZO v. s.ª a prova-o.

Venha á imprensa, e apresente-nos os dados decisivos em que se funda para taxar os catholicos funchalenses de fanaticos e supersticiosos, em honrarem a Mãe de Jesus, sob a invocação da Im-

maculada de Lourdes. Confunda-os, pulverise-os, rasgue-lhes d'alto a baixo o bioco em que se encapucham, e ponha bem patente ao soalheiro do publico a falsidade de tal culto, que tambem eu condemno altamente o fanatismo e a superstição.

Se o não fizer é um miserave! CÔBARDE, que foge como um podengo em selhe mostrando o conto da bengalia; e toda a opinião imparcial, embora não catholica, terá um cabal desengano (se tal desengano fosse preciso) de que o alvo de v. s.ª não é tolher «que a reacção mercadeje com o principio da santa caridade para fanatisar os povos», não é «o dever (que assiste ao sacerdocio da imprensa) de velar pela liberdade, pela paz da familia (olla quem!), pelo berço dos nossos filhos, pelo futuro da sociedade», mas simo de infamar por infamar, o de malsinar por malsinar o de contraminar toda a expansão da piedade catholica (para chegar á perfectibilidade do puro materialismo animal) sem vacillar um instante no emprego da arma, seja ella emeora a calumnia alvar, inverosimil e já surrada de andar pelas mãos dos falsos moedeiros da imprensa.

Venha á barra do jornalismo, não se corra de levantar a luva branca que lhe atiro no campo nobre da discussão, deixe a timidez ás hyenas e as trevas aos môchos.

Depois de emprazar a v. s.ª, EMPRAZO-ME: a mim mesmo, e comprometto a minha palavra d'honra em como v. s.ª não será capaz de responder seriamente aos argumentos que eu lhe apresentar em abono da plena veracidade da apparição de Maria na grutta de Massabièle, e dos numerosos prodigios que se lhe tem seguido. Quem assim falla, não é photofobo, não busca o mysterio das trevas para com ellas melhor podrá «mercadejar» e «fanatisar.»

Mas ninguem conte com um desforço em fôrma, do articulista do «Direito». Para isso era necessario ter... acrescente a sua consciencia o resto.

Fará ouvidos de surdo de nascença, e continuará a ladrar á lua. Escolherá no vasto promptuario da verrina as mais esqualidas jogralidades para m'as arremessar, e depois, tomando-lhes o gosto a sós consigo, esfregará as mãos de satisfeito e dirá—Boa resposta!

E os catholicos funchalenses ficarão vingados por uma vez da nobreza com que a imprensa impia da sua patria advoga a causa da «tolerancia», do «respeito pelas convicções alheias» e sobretudo da VERDADE.

PADRE SENNA FREITAS.

SECÇÃO RELIGIOSA

Temos á vista o original do bello livrinho sem réplica, cujos primeiros paragraphos principiamos hoje a publicar na presente secção por vir a talho de fouce na *crise actual*. Estamos certos de que os leitores nol-o agradecerão, muito mais declarando-lhes nós que esta succinta e excellente analyse do protestantismo é do nosso insigne e sempre saudoso padre Rademaker. Crêmos não violentar demasiado a sua modestia por esta revelação.

Vinte e cinco por cento!

Aos cem disparates dos protestantes vinte e cinco respostas sem réplica. Por um que leu a Biblia.

I

CONTRA QUE COUSA PROTESTAM OS PROTESTANTES?

Nem elles tão pouco o sabem.

Dizem que basta ler a Biblia para saber tudo o que é de fê, e negam muitas verdades que n'ella mesma se encontram. Os catholicos, além de crêrem em todas as verdades da Biblia, crêem tambem na tradição da Igreja, porque na mesma Biblia lêem que: «*muitas cousas ha, ditas por Jesus Christo, que não estão escriptas n'este livro*» (S. João, cap. 21, v. 25); e porque sabem que o divino Redemptor não disse aos Apostolos: «*ide e escrevei; mas ide e ensinai*» (Math. 28, 19); e que se o unico fundamento da fê fosse o que está escripto, muitissimos fleis não poderiam ter fê, por não saberem lêr, o que é absurdo. Por tanto os protestantes com a Biblia na mão, começam por protestar contra a Biblia, contra elles mesmos e contra os seus principios.

II

SE A BIBLIA É UM LIVRO INSPIRADO E DIVINO, PORQUE PROHIBEM OS CATHOLICOS QUE SE LEIA A BIBLIA

Sim, senhores: a Biblia é um livro inspirado e divino: mas *que se segue d'ahi?* que são *infalliveis* tambem todos os que a lêem? Pretendel-o é um absurdo. Pôde lêr-se sem a comprehender: pôde-se dar um sentido falso e torcido ás suas palavras. Além d'isto, para termos a certeza de que não nos enganamos, é necessario tê-la de que não foram adulterados os livros sagrados.

Ora, as edições dos protestantes não são tolas uniformes; em algumas faltam até sete livros inteiros do Antigo Testamento, e varios capitulos de outros; em outras ommittiram-se oito livros do Novo Testamento, apresentando-nos tambem uma multidão de versiculos tron-

cados ou mal traduzidos; de tal sorte que o proprio protestante Zwinglio chamava a Lutero um corruptor das Sagr. das Escripturas. Ha maior impostura do que collocar nas mãos do simples povo livros tão falsificados com o nom e pompôso e sagrado de Biblia? E justamente por isto que os catholicos não acceitam *essas* Biblias, porque são um engano: respeitam e bem a Biblia quando está approvada pela Egreja, porque n'este caso sabem que é a palavra de Deus e não impostura dos homens.

III

OS LIVROS QUE OS PROTESTANTES TIRAM Á BIBLIA NÃO ERAM CANONICOS

Quita impostura: e quem disse aos protestantes quaes eram os livros canonicos, ou não canonicos? Isso suppõe que ha um canon dos livros divinos, e esse canon por alguém foi feito. Logo tem os protestantes de recorrer ao *principio da auctoridade* ou á *tradição*.

Como, pois, protestam elles contra a tradição? Ou esta é fonte segura de revelação divina ou não é: se o é, porque não a admittem? Se não é, como pretendem elles saber quaes são os livros canonicos?

Desejámos muito saber como os protestantes se saem d'este dilemma.

IV

OS PROTESTANTES PROTESTAM CONTRA AS DOUTRINAS CATHOLICAS QUE SE NÃO ACHAM NA BIBLIA

Não me dirão, porém, quaes são as doutrinas catholicas que não tenham o seu fundamento na Biblia? Será o dogma da confissão sacramental? O da Eucharistia? A indissolubilidade do matrimonio? O culto dos Santos e de Maria Santissima? A existencia do Purgatorio? A supremacia e infallibilidade do Papa? O valor das indulgencias? O sacramento da Extrema-Unção? Ou serão cousas meramente disciplinares, como o celibato ecclesiastico, a profissão religiosa, os emolumentos do clero por varios actos do culto?

Expliquem-se, porque estamos dispostos a responder-lhes ponto por ponto; só exigimos que, se elles se julgam com direito a interpretar a Biblia a seu bel-prazer, não *protestem* tambem contra o *sensu-communi*, e não enganem o pobre povo dizendo-lhe que não ha na Biblia o que n'ella se achá em letra redonda.

V

NA BIBLIA NÃO SE FALLA DE CONFISSÃO SACRAMENTAL

Não? devêras? Estão os protestantes bem certos d'isso?

Pois se elles tanto cacarejam de a saber lêr, devem achar que Jesus Chris-

to disse aos seus apóstolos: *aque les aos quaes perdoardes os peccados, serão perdoados; aquelles aos quaes os retiverdes, serão retidos* (João 20, 23). Raciocinem agora.

Está claro que se falla aqui de peccados que os Apóstolos perdoariam e de outros que reteriam. Ficavam pois os Apóstolos, por disposição de Jesus Christo, constituídos juizes de quando deveriam perdoar ou não.

Mas um juiz para pronunciar uma sentença deve conhecer a causa ácerca da qual julga: logo os Apóstolos deviam *conhecer os peccados* ácerca dos quaes deviam julgar: e visto, que os não podiam conhecer sem que o peccador os declarasse, está claro que era absolutamente necessaria a confissão. Porém, perguntaremos agora: Veio Jesus Christo ao mundo para se poderem salvar somente os peccadores do seu tempo, ou dos Apóstolos?

Ficariam os homens impeccaveis desde aquelle tempo por diante? Não por certo.

Logo o poder de perdoar não devia acabar na Egreja com o ultimo Apóstolo: essa jurisdicção devia perpetuar-se *na mesma forma*, communicando-se a seus successores. Eis aqui o dogma catholico da confissão sacramental, e eis como os protestantes ao negal-o protestam contra a Biblia e contra o senso commum.

(Continúa).

Sur. redactor do «Progresso Catholico».

Na sua muito interessante e instructiva—Revista—da qual tenho tido a satisfacção e ao mesmo tempo a honra de receber alguns n.ºs, que muito do coração lhe agradeço, mas de que não recebi o n.º 10, de 15 do actual, devendo á obsequiosidade de um amigo o prazer de o ter lido; n'essa Revista, deparou-se-me um discurso do exc.º sr. bispo de Bragança, proferido na camara dos pares, discurso na sua folha subordinado á muito justa e espirituosa epigrapha *Os nossos bispos na camara dos pares*.

Com effeito é muito para notar-se que os nossos bispos, se não são tão assiduos, como não falta quem nas melhores intenções o desejasse, e não deixam ouvir a sua voz, d'alli mesmo ouvida com respeito e gratidão, em defesa das doutrinas da Santa Egreja bastantes vezes atropelladas, e dos direitos da consciencia catholica d'envolta gravemente offendidos; quando alguma vez lhes acontece, concorrer alli, seja qual for o motivo determinante que a isso os convidá, sabem mostrar que se interessam com empenho e estudo nas cousas que respeitam ao bem do paiz, que é sua patria.

Foi o que fez o illustre e sabio prelado da diocese de Bragança, e conjunctamente «encarregado (pelo governo civil) de presidir á direcção do real collegio das missões ultramarinas, instalado em Sernache do Bomjardim (diocese de Castello Branco), que, n'esta segunda qualidade, vem advogar na sua mui profunda e curiosa fallia a necessidade de auxiliar as missões ultramarinas com bons elementos que possam de certo modo supprir as vacaturas que se estão sentindo para «a evangelisação sagrada», por diversos motivos, que nos não parece opportuno explicar detidamente n'estas pobres ponderações.

Estes elementos subsidiarios das missões africanas espera s. exc.ª rev.ªª obtel-os pela «creação de collegios filiaes nas provincias do reino, para servirem de succursaes ao collegio central das missões ultramarinas», para o que está o governo auctorisado por a lei de 12 de agosto de 1856, estabelecendo-se em cada um d'esses collegios secções, «de estudos agronomicos e de artes fabris», onde possam aprender os mancebos com «pouca aptidão para as letras e pelo contrario, a manifestam para as artes»; e talvez tambem aquelles «a quem não falta aptidão para os estudos litterarios, porém sentem um certo receio ou es-crupulo de se consagrarem ao estado ecclesiastico».

Suppór o augusto chefe da diocese brigantina que «estes todos, embora não tenham vocação para a vida ecclesiastica, podem ser excellentes coadjutores dos missionarios, e a certos respeitos hão-de prestar ainda mais serviço do que os proprios missionarios, porque estes, na maior parte das vezes (?) fallam só dos bens eternos, dos bens eternos que os povos barbaros não podem apreciar, e aquelles outros ensinam-lhes a fazerem a casa, a agricultar o campo, etc.»

Este é o programma do illustre prelado para as missões ultramarinas, que applaudiriamos com ambas as mãos (fazendo todavia importantes reservas) se s. exc.ª rev.ªª nos tivesse exposto o modo pratico de o levar ainda que não fosse com a mesma opulencia e louçania de frases com que expóz o seu plano, diante dos próceres. Nós começamos por confessar a nossa ignorancia quanto á forma d'essas *missões* que parecerem revestir o caracter de puramente *civis*, e que tambem queiram tomar o de *mixtas*; e se n'este caso será por tempo sufficiente. Ignoramos igualmente que especie de relações poderão estabelecer-se para serem proficuos os resultados d'esta cooperação, entre as propostas instituições subsidiarias e o estabelecimento central, e obstar a que n'um tempo não mui distante constituam um es-

tabelecimento hybrid, e por tanto inutil, quando não tambem prejudicial.

Quer-nos parecer que ha na mente do zeloso prelado o pensamento de que tenham estas duas partes do estabelecimento um laço religioso commum que as ligue entre si, e faça convergir os seus trabalhos, na apparencia tão distinctos, a um fim unico: mas não cremos que possa realisar-se esse desejo senão por meio da obediencia, e esta não pôde existir senão como existe nas ordens religiosas, fóra das quaes esta não pôde subsistir sem tyrannia por ser imposta. Quer dizer, sem obediencia o estabelecimento dissolve-se; e se ella não for religiosa, terá de ser tyrannica.

Cremos, pois, firmemente que o sr. bispo quer fundar verdadeiras ordens religiosas, e que, se não disse a palavra, deve a ommissão attribuir-se a mero esquecimento, ou ao temor de excitar animosidades fanaticas.

Sendo assim, não vemos razão para a extranheza com que foi por muitos bons catholicos recebida a proposta do nobre prelado. Com effeito não vemos senão a singularidade de separar o elemento leigo do elemento ecclesiastico, que até aqui sempre andou unido, a não ser n'aquellas que foram creadas e estabelecidas por leigos, e a que só mais tarde se lhe reuniu o ecclesiastico. Mas sendo assim não podemos achar o antagonismo de que se nos affigura que se arreceou o benemerito prelado, o que talvez foi a razão principal da separação como se inferê do seu discurso: quando o trabalho da alma, ou a obediencia, for dirigido e entrelaçado com o do corpo pelas mesmas pessoas, e auctorizado e robustecido pelos exemplos, inclinamo-nos a crer que o *Quarite primum regnum Dei, et justitiam ejus*, combina-se perfeitamente bem com o *Et hæc omnia adjicientur vobis*; e em vez de antagonismo entre as duas partes do ensino do Senhor, mais uma vez será manifesto a todos que as palavras do Verbo Divino são palavras de vida e de verdade. Venham pois essas ordens religiosas com os seus votos embora simples, de pobreza, de castidade e de obediencia, e esperamos com plena confiança os seus resultados para a christianisação e a civilisação d'Africa, e como consequencia o fortalecimento do nosso imperio n'aquellas paragens, como consequencia de termos procurado primeiro o reino de Deus e a sua justiça.

Se não for assim, temos o presentimento de que esta patriótica tentativa ficará inutil, e perderemos irremediavelmente as nossas provincias d'além-mar. Nós não conhecemos senão tres cousas que tenham imperio sobre o homem: a Fé com os seus bens celestes e eternos; o interesse com os seus bens

terreos e caducos; o terror com as suas violencias e vexames.

Da Fé dizem-nos estar muito apagada, pois já não ha vocações, como se podesse havel-a n'um paiz onde se aboliram todas as instituições onde ellas se adquiriam e engrandeciam: o que fica, pois? o interesse e o terror. Este podemos retirar-o de quaesquer conjuncturas, pois não pô-lo o paiz empregar esse meio para o qual lhe fallecem homens e leis: resta por consequencia sómente o interesse. Pôde alguém calcular as grossas sommas que o governo tem de applicar annualmente aos mestres de agricultura e de artes que tem de ensinar aos missionarios *civis* que deve mandar annualmente, assim para applicarem as lições recebidas, como para encher as vacaturas que a morte ha de infallivelmente fazer? essas quantias hão de sommar alguns contos de réis, e já não fallamos nos premios e incentivos que terá de dar aos que vierem receber os ensinos, se alguns vierem, do que muito duvidamos.

E esses missionarios irão estabelecer-se unicamente nos centros de povoação, ou hão de percorrer os matos para serem realmente missionarios? Deixamos estas perguntas sem resposta. E o que pôde produzir o ensino da agricultura, ou aqui, ou lá, por pessoas que não conhecem as condições atmosphericas, as qualidades do solo, a natureza das plantas, e o modo de cultivar os campos, ou torrados por um sol ardente, ou innocuados por chuvas torrencias? Os resultados que com os nossos proprios olhos vemos, posto que n'uma área muito restricta de algumas innovações que se introduziram na agricultura, faz-nos reccar que se renovem os desastres d'essas tentativas, mais zelozas que prudentes.

Além d'isso, o incentivo do interesse é nullo para obrigar a trabalhar o preto, que não conhece necessidades, porque a terra generosa lhe dá tudo o que precisa quasi sem nenhuma fadiga. Fallae aos pretos de Deus e da vida futura—o céu para os homens que obedecem á lei do Senhor—o Inferno para os que desprezam a sua lei; mas se não quereis, então promettei-lhes agua-ardente, avellorios, espelhos, ou missangas... E é o que farão os missionarios *civis*, que não quizerem fallar-lhes dos bens eternos, e celestes pelo temor de que sendo barbaros, não entendam estas sublimes doutrinas.

Mas a verdade é que não o são mais do que eram os irlandezes e os inglezes quando os eremitas e os frades foram missional-os; e contudo só por a sublimidade d'essas doutrinas e o exemplo do proprio trabalho é que os civilisaram e policieram; e não foram outros os seus mestres nas artes e na agricultura.

Quem ensinou os povos de Cabo-Verde a construir casas, e plantar o café, a cultivar a canna d'assucar e lhes ensinou algumas artes foram os missionarios, os Bispos e os frades; a elles devemos ter tido n'outro tempo um completo dominio sobre quasi toda a Senegambia; dois pequenos hospícios de frades, um em Bissau e outro em Cacheu, conseguiram sem nenhum apparatus de força militar, o que nunca mais se obteve, depois que foram extinctos os frades em 1834, esperam-o das guarnições alli estabelecidas. Porque motivo não poderia obter-se agora o mesmo resultado?

Lisboa, 27 de março.

Souza Monteiro.

SECÇÃO LITTERARIA

Atravéz dos jornaes

Affirma o «Diario de Noticias» que acabou o schisma dos Caldeus na Turquia, submettendo-se os que d'antes não queriam reconhecer a auctoridade do patriarcha legitimo, «não obstante o Papa tê-la reconhecido»; e até que diz a verdade.

Mas vejamos como explica o caso: «Por um decreto imperial, o sultão mandou que todos os religiosos da Chaldæa, de qualquer categoria ou mosteiro, tivessem como seu chefe ali o patriarcha Elias, e o ex-bispo Cyriaco e todos os monges declararam que, em vista d'isso, (*sic!*) se submettiam ao novo prelado.»

E' impossivel! O bispo Elias e os taes monges se empregassem as palavras «em vista d'isso», ficariam tão schismaticos depois como eram d'antes, o Sultão é que seria o seu Papa, e os verdadeiros catholicos e o Summo Pontifice jámais os admittiriam á communhão da Igreja Catholica apostolica romana.

O «Diario» que tantas coisas sabe, devia saber esta, que aliáz não passa de elemental, para não dar publicidade a falsas noticias e (o que peor é) desedificantes...

Um dos motivos principaes por que existia o schisma, era por não ter querido o governo turco reconhecer o Prelado legitimo, impedindo por differentes modos as suas relações com os fieis, graças á influencia do governo catholico d'Italia e de outros semelhantes...

Agora o Sultão fez justiça e nada mais.

A' franc-maçonomia convém desacreditar a Igreja Catholica por todos os modos e maneiras. N'isso trabalha com actividade incançavel.

O socialismo seu filho, e a «Internacional»

cional» sua filha, tudo lhe hão pagar de contado.

A «Esperança» tem razão; ora ouçam o que ella diz:

«O «Diario de Noticias»; do dia 6 de março do anno da graça de 1879 em que estamos, fez uma grande injuria aos *artistas*. Porque um d'elles insultou um padre, (1) o qual entendeu em sua consciencia dever procurar uma des affronta legal (castigar os que erram ainda não deixou e nunca deixará de ser obra de misericordia), taxou logo o digno sacerdote de pouco paciente e caritativo, pois que não devia fazer caso dos «lichotes de um ebrio». Assenta pois o «Diario» que são ebrios todos os que insultam os padres. Mas como hoje em dia um padre é raro que possa passear em Lisboa e em seus suburbios, vestido de padre, sem ser insultado por *artistas*, grandes e pequenos—até por creanças de 10 a 12 annos—, como é raro que possa passar em frente de uma fabrica, de uma casa em construcção, de uma padaria, de uma ferraria, de uma carvoaria, etc., sem ouvir gracinhas taes como estas: «Oh! que ladrão! —O' Antonio dá cá uma espingarda!— Olha o filho...!—Que bala bem empregada! etc., etc. (outras amabilidades de differente genero, ainda que não menos injuriosas se ouvem não raras vezes saídas dos balcões das lojas mais *catita* da baixa) segue-se que no entender do «Diario de Noticias», grande numero dos nossos *artistas* andam bebidos nos dias de trabalho!

E' uma injuria que elles não merecem; e nós protestamos contra ella.

Depois, se por dirigir injurias ao padre, só porque é padre, se está ebrio, quantos ebrios por esse mundo!

Não pôde ser! Convidamos o orgão popular, se quer conservar sua popularidade, a retirar a injuria que levianamente arremessou a tanta gente,

Se todavia persiste na sua *convicção*, e por isso se não pôdo desdizer, faça pelo menos uma obra de caridade; cure quanto está da sua parte esses ebrios (a embriaguez é uma enfermidade); diga-lhes que Deus não é uma cathedra vã; que nos ha-de pedir conta dos nossos actos; *que ha céu e que ha inferno*; que a religião Santa que professa a grande maioria dos portuguezes não é uma «impostura dos padres»; que tem por si provas inconcussas, argumentos irrefutaveis; que as doutrinas do maçonismo, do pantheismo, do materialismo,

(1) Hoje sabe-se que não foi só um *artista* o insultador, mas que teve coadjuutores; e que não insultaram só esse padre, mas a irmã do dito padre e outro ecclesiastico que passaram tranquillamente pela estrada. (Vej. o proprio «Diario» do dia 7).

do positivismo, do macaqueirismo e semelhantes não passam de desvarios de cerebros escandecidos. Pregue-lhes, ensinam-lhes isso o *Diario* e os seus collegas no liberalismo, não só nos primeiros artiguinhos, *ex-officio*, ou convençionaes, do santo do dia, mas sempre que venha a proposito, e pôde vir muitas vezes; sobre tudo não destruido já-mais o effeito de tal doutrina com a propaganda directa nem *indirecta* da outra que lho seja opposta; e verã, e todos verão como os ebrios se curam e como os padres deixam de ser insultados pelas ruas e praças publicas.

Se assim não quizerem fazer os srs. jornalistas a que nos referimos, permittam-nos que exprimamos sem rodeios o nosso pensamento:—dado mas não concedido, que muitos dos nossos *artistas* andem ebrios, os peiores e os maiores ebrios voluntarios não são elles.

Não serão elles por conseguinte aquelles a quem Deus pedirá mais estreitas contas e tractará com maior severidade. Assim o diz a razão de accordo com a fé.

PORTUGAL ESTÁ PERDIDO!

E querem saber os leitores porque? Vae-nol-o dizer uma creancinha de 4 dias,—a folha diaria «Novidades», novissimo jornal lisboeta, em o seu numero 4, de 21 de março, e logo no artigo de fundo.

Está perdido Portugal porque n'elle ainda se «reza», e porque se «paga por bom preço a miraculosa agua de Lourdes» (provavelmente na redacção das «Novidades», pois não sabemos que se pague, cara nem barata em outra parte a agua de Lourdes, que qualquer pôde ir ou mandar buscar, sem pagar por ella nem um ceitil).

Isto de rezar, de acreditar na possibilidade dos milagres e no sobrenatural é coisa *horriavel* o signal certo de grandissima decadencia. A historia diz o contrario; mas que importa? Quer as «Novidades» que um povo impio seja um povo feliz e prospero; deve sê-lo.

Todos se queixam de que em Portugal se vae perdendo a fé e o santo temor de Deus; sobre tudo em certas classes educadas pelo jornalismo liberal, racionalista, positivista, macaquista, etc., e que por isso a decadencia nacional se vae accentuando cada vez mais. Pois não é assim; a supradita «Novidades» afirma e jura, se for preciso, pelos seus *deuses*, que Portugal «come, resa e depois... dorme. Todos os seus pensamentos estão voltados *para as cousas do céu*, e as da terra, estas... despreza-as por mundanas» (sic!)

O perigo da actualidade com effeito está em se voltar o pensamento para as cousas do céu—e em rezar!—Sabe que

mais sur. Jayme Victor das «Novidades»?... Mais nada.

Passemos ao estrangeiro:

No Congresso de Paris de 1856,—Eolo d'onde sahiu a tempestade contra os Estados da Igreja, graças á *sabedoria politica* de Napoleão III combinada com a *lealdade* de Cavour—, declarou-se *anormal* o estado das Romanhas. E agora, como se vive nas Romanhas? A insuspeita *Perseveranza* responde:—«Vive-se no meio de crescentes temores pela s gurança de todos e de cada um. Estes temores são já tão grandes, que muitos buscam n'outra parte um asylo; ou partem ou estão para partir.

Atraz de mim virá... São os proprios liberaes, que justificam o governo pontificio. Não se precisam mais commentarios.

Ha dias appareceram pasquins em Roma, ameaçando com a morte quem dêsse *viras* ao *rei*. Tambem appareceram alguns fazendo a mesma ameaça a quem dêsse *viras* ao *Papa*.

Couzas de liberaes exaltados! Os *moderados*, esses mettem em processo quem der *viras* ao «Papa-rei» (tem-se visto)!

De maneira que *Papa* e *rei* nem juntos, nem separados!

Vira a liberdade *di Colla da Rienzo*, até que chegue a *sua vez!*...

Esperamos que seja breve. Se houver demora, lembremo-nos do *patients quia aternus*. Mas... tudo o que acaba é breve». no dizer conceituoso do grande Bispo de Hippona.

Um jornal liberalissimo, o «Diritto», escreveu que a causa do attentado de Naples é o «enfraquecimento da consciencia na Italia.» A «Unità» diz-lhe que tem razão, e acrescenta: «Com effeito se na Italia existisse uma consciencia que imperasse, as demonstrações populares não se teriam limitado a bandeirolas, a toques de sino, a quatro applausos e a meia duzia de luminarias; mas ter-se-iam voltado contra os que fabricavam certas leis e decretos, contra os jornalistas que diffundiram e difundem a incredulidade e a blasphemia, contra a maçonaria, que gerou o internacionalismo, contra o *livre-pensamento*, que declarou guerra ao santo Nome de Deos.»

Tem rasão; mas vá para a cadeia...

No lyceu «Ennis Guivino», de Roma dão-se *bellos* assumptos para themas dos estudantes, segundo lêmos no «Osservatore».

Um dos ultimos foi o seguinte:—«Um joven condemnado á morte, por ter querido livrar a patria da tyrannia, uma hora antes de ir para o supplicio

escreve a sua mãe que vai morrer *contente* por uma cousa santa, etc».

Como Passavante ha de esfregar as mãos de «contente» na sua prisão de Napoles!... Elle tambem sabe lêr e escrever; e fez muitos themas da laia do antecedente.

Como é sabido, o actual ministro italianissimo, Taiani, no celebre discurso do tribunal de Palermo, que lhe cedeu a *pasta* e a *posta* que destructa, desculpou as tentativas de regicidio contra o rei de Hespanha D. Affons, contra Luiz Filipe de França e contra Guilherme da Alemanha. Não fallou porém das tentativas contra o imperador da Russia; mas é natural que tendo achado desculpavel o regicidio de um rei por «direito divino» e pelo «princípio hereditario», achasse naturalissimo a de um imperador.

O monarchico-democrata queria dizer na *sua* que vidas verdadeiramente respeitaveis eram só as dos reis eleitos pelo soberano povo. Occorre-nos porém uma reflexão:—Quando se fez um plebiscito em que fosse declarado rei de Italia o sr. Humberto?

De seu pai bem sabemos que se pôde cantar:

«Um lachão, dos de arminho, annexa um principado,
E convida ao rei ouso o principe esbullado;
E' que em mios moras bascia os seus direitos,
Descubriendo (a canhão) vassallos satisfeitos.
Auaões a canhão, saudaes o rei bendito!
Victoria! ensarilha! só resta o plebiscito!»

(Padre Longhage.—*Palavrões*. Traducção de *Ageline Araducano*).

E o plebiscito veio em seguida consagrar a façanha do *Robber-king*, como chamavam os inglezes ao *galant'uomo!* Mas a respeito do filho do pae de Humberto, nem isso!...

De resto não se conserva ainda na Italia o *Dei gratia* na moeda corrente e em certos documentos publicos?—Certissima!...

Por tanto, o cosinheiro que graças a Deus, manejou mal o facalhão n'uma rua de Napoles, é desculpavel, na opinião do ministro e conselheiro intimo do levemente esfaqueadot

Assim parece...

A proposito:—A apologia de Passavante vae despontando; e *continuar-se-ha*...

O «Piccolo» de Napoles recebeu uma carta, exprobrando-lhe «ceusurar homens que nutram no peito sentimentos verdadeiros de liberdade, só por que um d'elles foi infeliz, e lhe vacillou o punho:—*infelice a cui vacillo il pugno.*» —Ah! Era d'esperar...

Um VIMARANENSE.

EDIÇÕES DE PROP. CATHOLICA

A Maçonaria e os Jesuitas

A'cerca d'esta obra de que agora apparece uma 2.ª edição, publicou a «Palavra», em 1876, quando se annunciou a 1.ª edição, o seguinte artigo, que transcrevemos gostosamente, para tornar conhecida, quanto possivel, uma obra de tanto merecimento:

A MAÇONARIA E OS JESUITAS

Instrucção Pastoral do bispo de Olinda aos seus diocesanos—Edição vimaranense com prologo e notas—1876.

Acaba de fazer um bom serviço á religião e á sociedade portugueza o sr. José Antonio Teixeira de Freitas, reproduzindo a magnifica instrucção pastoral do exc.º e rev.º sr. bispo de Olinda, cujo titulo vai no alto d'este artigo. Desde que o heroico Prelado soffreu a perseguição iniqua que lhe moveu a maçonaria brasileira, tornou-se de grande interesse tudo quanto lhe dizia respeito; foi por isso que quando s. exc.ª do seu carcere endereçou aos seus diocesanos a sua carta pastoral, a qual foi publicada no Rio de Janeiro, a sua acquisição foi evidentemente desejada por todos os catholicos portuguezes, que tomavam grande parte no martyrio do illustre confessor da fé.

Foi então que n'este jornal se aconsellhou que algum editor tomasse sobre si a reproducção d'este excellente trabalho do Prelado brasileiro.

O sr. Teixeira de Freitas, de Guimarães, incansavel editor de bons livros, especialmente religiosos, accitou a lembrança e escrevendo ao venerando bispo, auctor da carta pastoral, alcançou que s. exc.ª benevolmente o auctorisasse a fazer a reproducção.

Acaba de sahir do prelo este volume, que não podemos deixar de recomendar a todos quantos desejam ter uma obra, repleta de excellente doutrina, e conhecer a fundo o que é a maçonaria, o que ella maquina contra a religião e a sociedade, e o gravissimo risco a que se expõe quem n'ella se faz impensadamente iniciar. Além d'esta questão complexa e geral, o exc.º bispo de Olinda tracta de justificar os padres da Companhia, das accusações arbitrarias, que lhes faz a seita maçonica, para os expulsar da provincia de Pernambuco, onde não só agora, mas desde seculos, têm prestado os mais relevantes serviços á religião e ao Estado.

As excellentes obras que se têm composto a respeito da maçonaria são de molde a conhecer-se a extensão da sua malicia, e os prejuizos, que adveem á sociedade quando no meio d'ella se implanta essa seita, mil vezes condem-

nada e condemnavel, e especialmente quando ella consegue empolgar o poder ou influir n'elle poderosamente.

A «Franc-Maçonaria e a Revolução» do padre Gautrelet, que prefaciamos e traduzimos em vernaculo, é um tractado ex-professo, que põe em toda a sua clareza os manejos d'essa seita, que tanto se tem alargado no nosso tempo. Todavia esse trabalho é longo em demasia para quem não quizer estudar o assumpto profusamente.

A instrucção pastoral, que o sr. Freitas reproduz, é mais resumida, mas bastante para quem quizer estudar a influencia que a seita maçonica tem exercido e exerce sempre na sociedade e no seu governo. Ahi se cita a cada passo a obra de Gautrelet, segundo a edição que julgamos conveniente publicar para uso dos povos, que fallam a lingua portugueza. A substancia d'esse trabalho e alguns outros esclarecimentos e sabias e adaptadas reflexões do Prelado brasileiro, encontram-se na instrucção pastoral, que o editor publicou em excellento papel e bom typo.

O desassombro com que o Prelado falla perante um governo maçonico, e quando se achava expiando no carcere o crime da sua fidelidade ao juramento que prestára, é prova cabal de que em todos os tempos apparecem homens corajosos, que não transigem contra o dever, e escutam só os dictames da consciencia e não duvidam arrostar com a ira dos poderosos da terra.

Alguns haveria que em circumstancias analogas tergiversariam e procurariam captar a benevolencia ou pelo menos a commiseração do governo temporal. O Bispo de Olinda, sempre digno e coerente, protestando e provando o seu respeito pelos poderes civis, não deixa de afirmar a verdade e sustentar a sua posição, importando-se pouco com os perigos occultos ou manifestos, que de semelhante proceder lhe adviessem. Basta um exemplo d'esta alta nobreza e dignidade para captar as sympathias dos leitores dos escriptos que o patenteiam.

Além d'esta publicação do sr. bispo de Olinda, corre por ahi a reproducção do excellento tractado do sr. bispo do Pará, intitulado «Direito contra direito», obra cheia de erudição, firmeza e sã doutrina.

Quem desejar conhecer a questão que levantou o conflicto entre o governo brasileiro e a Igreja n'aquelle imperio, tem n'estes dois trabalhos os elementos necessarios.

O conflicto felizmente acabou com a mudança inevitavel do ministerio brasileiro. Homens mais conciliadores e amigos do seu paiz foram substituir os maus conselheiros do imperador, e cooperar com este nos seus intentos reconhecidamente conciliadores.

Se obedecendo ás theorias constitucionaes o chefe da nação brasileira teve que annuir a que se cumprisse uma sentença arbitraria e até sacrilega, no seu animo ferviam ardentes desejos de não deixar por muito tempo triumphar a iniquidade; e por isso anciosamente aproveitou o primeiro ensejo para lavar a nodosa inlelevel, que o poder maçónico lançára sobre o seu reinado aliás glorioso.

Assim com a mudança de homens preparou a reparação possível, concedendo amplissima amnistia, com a qual desapareceram até os ultimos vestigios de um processo inqualificavel.

Restabeleceu-se pois a paz entre os dons poderes, mas a questão não deixa de subsistir, porque tanto no Brazil, como fóra d'elle, a seita maçonica continua a laborar, preparando scenas luctuosas para os paizes que não se acatellarem, vigiando os seus manejos, desviando do poder os seus adeptos e acceitando os ensinamentos da cadeira do Vaticano.

E' por isto que a «Instrucção Pastoral» é um livro sempre util. A questão ali ventilada é historica, mas tem o character de continuidade.

Se a sorte dos Prelados, victimas da maçoneria, não excita hoje o interesse, que se mostrava durante o seu encarceramento, a questão que o determinou, está sempre pendente, e deve ser estudada sem interrupção.

Esta obra não serviu só para o Brazil e para a occasião em que foi publicada; serve para Portugal, para toda a parte, e para todas as occasiões.

E' mister que a maçoneria como sociedade secreta desapareça, e como pública perca o seu character eminentemente politico e impio, sujeitando-se ás leis civis e ás prescripções da Igreja; quer dizer, que deixe de ser o que é, para ser o que convem a uma sociedade que se incolca de beneficencia. Para se praticar a caridade não é mister o segredo das reuniões, e o apparatus ridiculo, com que se reveste. A Igreja aconselha a beneficencia e a caridade, e não é isto que ella condemnaria na maçoneria; condemnando-a, ha razões fortissimas, que a ostentação patente de beneficencia não pôde annullar.

Essas razões estão compendiadas na obra que recomendamos. E' util que todos a conheçam. Embora a auctoridade pontificia fosse sufficiente para que todos a attendessem, convem que se patenteiem as razões, que essa mesma auctoridade teve e tem para condemnar e sustentar a condemnação.

Bem mereceu pois do paiz e da Igreja o snr. Freitas, de Guimarães, proporcionando por preço commodo a

acquisição de uma obra, que é instructiva e conveniente a todos os cidadãos.

C. DE S.º

Historia Popular dos Papas

Mais «um livro obrigado na livraria do padre». O distincto escriptor catholico, J. Chantrel, que tantas e tão excellentes obras tem escripto em prol da religião catholica, acaba de publicar mais um livro de incontestavel merito, e da mais palpavel utilidade.

Intitula-se este—«Historia Popular dos Papas». Compreheende a extensa e gloriosa chronica pontificia des-le S. Pedro até nossos dias. Muito se tem escripto, por certo, sobre tão importante assumpto, sendo, porém, uns d'esses trabalhos avolumados em demasia, outros mais de polemica do que meramente historicos, e além d'isso demasiado philosophicos para poderem ser entendidos pelo commum dos leitores; outros finalmente compostos com um espirito nem sempre orthodoxo. A obra de Chantrel obvia inegavelmente a todos os inconvenientes; é curta, é popular, e é perfeitamente catholica. O seu elogio está n'este tres adjectivos, que, todavia, não impedam o ser imparcial, como é.

Tornava-se, portanto, d'um interesse palpitante que fosse vertida em vulgar, a fim de se espalhar o mais possível entre nós, pois a todos é accessivel. O sacerdote, principalmente, não podia deixar de a possuir na sua estante escolhida. E' o grande serviço que acaba de prestar à sociedade portugueza catholica o editor vimaranense, o snr. Teixeira de Freitas, que tão excellentes obras tem editado, desde que abraçou a honrosa e no nosso paiz, pouco commum profissão de editor exclusivamente catholico.

E' forçoso confessar que de ha alguns annos a esta parte as boas obras multiplicam-se entre nós mais do que nunca, o que revela um vivo movimento orthodoxo, mas por isso mesmo se torna necessario que os compradores e assignantes coadjuvem ás empresas dos editores.

A primeira caderneta da «Historia dos Papas» já sahiu, traduzida em bom portuguez. Cada fasciculo contém 48 paginas em 4.º a duas columnas. A edição popular é apenas de 120 réis por caderneta. A obra completa constará de 30 fasciculos.

(A «Palavra» de 11 de abril de 1877.)

RETROSPECTO DA QUINZENA

Deixem-me os leitores principiar esta revista fallando de Guimarães. São tão raros os acontecimentos occorridos n'esta bella terra, dignos de mencionar-se que, caso é para estranhar, quando se dá algum que chame a attenção de quem passa por dias a procurar assumpto para uma secção noticiosa.

Vou fallar da festividade que as damas vimaranenses fizeram, na passada sexta-feira, á Virgem das Dóres. O templo de S. Francisco, esse vasto e magestoso templo elevado pela *incuria* dos frades franciscanos, era adornado luxuosamente, e a profusão de flores, as miriades de lumes, enchiam de aromas, de luz, a sagrada estancia, pequena em demasia para conter tão grande numero de fieis. As damas da primeira sociedade mesclando-se com o inmenso concurso de povo, lá estavam tambem, como é costume seu, para abrilliantar a festa.

Pelas 11 horas rompeu a orchestra, seguindo-se a missa, composição do nosso patricio Noronha, que foi admiravelmente executada, notando-se com espantosa saliencia a exc.^{ma} snr.^a D. Maria Amelia Lopes Pedrosa, esposa do nosso amigo dr. Chaves. A suavidade e doçura com que a virtuosa dama cantou o *Laudamus*, authorisa-nos a dizer que sob as abobadas dos templos de Guimarães, jámais se cantára assim. Ao *Credo*, diz o nosso collega da «Religião e Patria», mais competente que nós para o avaliar devidamente, rico de bellezas, de harmonia e de esplendidas melodias, tornou-se muito notavel o tercetto *Et unam santam*, para o bom desempenho do qual contribuiu muito o modo suave e discreto com que a exc.^{ma} snr.^a D. Emilia Augusta de Mattos Chaves cantou a sua parte.

De tarde continuou a festividade cantando-se algumas partes do *Stabat Mater*, do Rossini, em que de novo a esposa do sur. dr. Chaves mostrou mais uma vez o seu alto merecimento artistico.

O sermão foi feito pelo nosso amigo padre Abilio Augusto de Passos, joven e estudioso sacerdote a quem d'aqui damos cordeaes parabens, animando-o a que não deixe o lugar que alcançou já no pulpito e que é, para nós, o verdadeiro lugar do padre catholico.

Não findemos sem louvar a familia Chaves por concorrer para que esta festa se torne de anno para anno mais pomposa.

*
* *

Na passada revista noticiamos a entrada d'uma dama hespanhola n'um convento, provando assim a tolerancia do governo de Madrid.

Hoje vamos dar uma outra noticia que prova a intolerancia do governo da *Italia unida*. Eil-a:

Estabeloceram-se ha tempos em Sulmona umas monjas francezas, que se dedicam especialmente a cuidar dos enfermos e presos dos carcereos e penitenciaras. A 18 de março tiveram a *ouza-dia* de admittir na sua congregação uma joven que, como ella queria dedicar-se ao allivio dos infelizes.

Dito isto ousamos o que diz um correspondente d'aquella povoação para a «L'Apinione»:

«Hontem n'uma vastissima sala do palacio Sardi, achava-se reunida a mais distincta sociedade de Sulmona e d'alguns povos visinhos. Ao concluir-se a missa, e quando se dava principio á profissão d'uma religiosa, viu-se entrar de repente o procurador regio, o tenente de carabineiros, o secretario do procurador e o delegado de policia.

«O procurador aproximando-se do altar pronunciou as seguintes palavras: —*Está terminada a festa. Em nome da lei dissolvo esta reunião, porque em Italia estão prohibidas as ordens religiosas.* Em seguida o delegado intimou a joven que ia professar a que voltasse para sua casa».

Acrescenta o mesmo jornal que as monjas foram intimadas para sairem de Sulmona dentro de 24 horas.

Que santa liberdade! Terá medo o rei Humberto que d'entre as monjas saia outro Passavanti?

Receiará que entre as pregas do habito da pobre monja se esconda o punhal regicida?

Na Italia têm medo ás religiosas; vejamos agora na America como as respeitam, como as estimam, e como lhe agradecem os serviços que lhe devem.

D'uma correspondencia da California para «El Correo Catalan» transcrevemos o seguinte:

«Permitta-me que lhe falle da morte d'uma heroína, d'uma filha de S. Vicente de Paulo, da irmã Francisca. Esta irmã de caridade veia para a California em 1852, pouco depois de se descobrir o ouro, e edificou um pavilhão em meio dos montões d'areia onde hoje está a formosa cidade de S. Francisco. Deus e os seus anjos sabem os sacrificios que fez para estabelecer um pequeno collegio onde recolheu alguns orphãosinhos, mas Deus recompensou-a ainda n'este mundo, fazendo que ella, passados vinte annos, tivesse acabado um collegio onde 500 creanças tem um tecto que as abrigue e uma mesa abundante onde sentar-se.

«A irmã Francisca morreu ha poucos dias, tendo sido amada e querida por catholicos e protestantes, sendo

prova d'isto o seu enterro, que foi um verdadeiro triumpho para o catholicismo. Tudo que ha de mais rico, de mais nobre se mesclava com a população da California para acompanhar o feretro. Mais de 250 carroagens a acompanharam á ultima morada! O sr. Arcebispo rodeado do seu clero celebrou de pontifical a missa e enterro».

Só no dia de juizo, conclue o correspondente, é que conheceremos os meritos d'esta santa, quando a vejamos rodeada pelos milhares de orphãos de que salvou da morte».

Ahi fica o contraste.

Mas para que nos admiramos do que vae pela Italia? Que admira que o governo tenha medo das ordens religiosas se não tem medo do Passavanti a ponto de lhe dar indulto, de o mandar de novo afiar a adaga? Que admira se os padres não estão seguros no altar, no pulpito, em parte alguma onde pode chegar a sanha dos *amigos da liberdade*?

Ahi vae uma noticia que bem mostra o estado da Italia *libre*. E' do nosso prezado collega da «Palavra»:

«Em Fajiano, no dia 9 do mez findo, cêrca das oito horas da noite, emquanto que o Padre Agidi, da companhia de Jesus pregava, um malvado atirou-lhe da rua um tiro d'espingarda que felizmente lhe não acertou.

A carga de doze grossos projectis foi bater na parede a pouca distancia do pregador. Não foi possivel descobrir o auctor do crime, que fugiu immediatamente, deixando no chão a arma mortifera de que se tinha servido.

Por estes e outros factos é facil prever que a Italia não está longe de estar já madura para a republica e que os exemplos da França para ella não passam desaperecidos.

Por isso todos os liberaes avançados d'Italia batem as palmas e esfregam as mãos de contentes por tudo o que de mau se faz em Pariz.

Além d'isso tem sido sem conta as manifestações republicanicas que por toda a parte se fazem, sem esquecer as de Milão, Piza, Genova, Chioggia etc.

Em Rimini: no dia 14 de março affixaram nas paredes proclamações republicanicas e á tarde, quando a musica acabou de tocar n'uma praça publica para festejar o anniversario natalicio do rei Humberto foi acompanhada por grande multidão a gritar: «Viva Passavanti! Viva a republica! Viva a communa!»

**

Em França restabelece-se de novo a liberdade. Excluem-se do congresso as

congregações religiosas, expulsam-se os jesuitas e dá-se ampla passagem, nas fronteiras da republica, aos communistas, aos homens que tentaram fazer da França um montão de ruinas. Bravo! Temos de novo a bandeira vermelha arvorada nos muros de Paris, o facho dos petroleiros nas galerias das Tulherias e da Grande Opera, os canhões assestados ás boccas das ruas, as bocas dos bacarmartes apontadas ao peito do Arcebispo de Paris, a deusa razão enthronizada nos altares destinados ao Deus Vivo!

Bravo! Viva a republica! Viva a Communa!

**

Ora não me dirão, dizia ha poucos dias em meio d'uma roda de rapazes, um sujeito que pelos modos tinha chegado, não sei quando, das terras de Santa Cruz, para que serve esta *historia* da confissão? Ia-mos a passar na occasião em que se fazia a pergunta, e como não era feita a nós não nos competia responder; mas ahi vae como resposta á seguinte noticia que nos fornece o apreciavel collega de Lisboa a «Nação».

Desculpe-nos o que fez a pergunta o mandarmos-lhe este numero do «Progresso» pelo correio, porque de certo o vae incomodar; mas tenha paciencia.

Eis a noticia:

«FRUCTOS DA CONFISSÃO.—Ultimamente praticou-se um roubo de Joias na *gare* de Bayona, pertencente ao sr. Raul Duval, deputado, que com sua mulher voltava das corridas de touros de S. Sebastião. Dias depois, o parcho da freguezia do Espirito Santo de Bayona remetteu ao commissario de policia um pacote contendo os objectos roubados, que lhe foram entregues no confessorario por um penitente. Este exemplo, em todo o tempo excellente, é nas circunstancias presentes duplamente precioso; porque a pessoa roubada o sr. Raul Duval tem a desgraça de pretencer ao protestantismo e pôde assim aprender que o catholicismo tem alguma utilidade.»

J. DE FREITAS.

Por causa dos dias santificados da Semana Santa, não foi possivel fazer-se a reimpressão do n.º 3. Será distribuido com o n.º 13.